

Aprovada na 861ª sessão

ALADI/CR/Ata 856
(Extraordinária)
15 de março de 2004
Hora: 11h 35m às 12h 40m

ATA DA 856ª SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DO COMITÊ DE REPRESENTANTES

Ordem do dia

Homenagem ao Prócer Nacional da República Oriental do Uruguai, José Gervasio Artigas e doação de um busto à Associação Latino-Americana de Integração, com a presença do Excelentíssimo senhor Ministro das Relações Exteriores, doutor Didier Operti.

Preside:

HÉCTOR CASANUEVA OJEDA

Assistem: Juan Carlos Olima e Ricardo Harstein (Argentina); Armando Loaiza Mariaca e Marcelo Janko Álvarez (Bolívia); Bernardo Pericás Neto e Michel Arslanian Neto (Brasil); Héctor Casanueva Ojeda, Oscar Quina Truffa e Axel Cabrera (Chile); Claudia Turbay Quintero e María Claudia Garavito Triana (Colômbia); José Felipe Chape Hernández (Cuba); Leonardo Carrión Eguiguren e Juan Larrea Miño (Equador); Perla Carvalho, Dora Rodríguez Romero e César Manuel Remis Santos (México); Bernardino Saguier, Nancy Doria de Guggiari e María Inés Benítez Riera (Paraguai); William Belevan Mc Bride (Peru); Agustín Espinosa Lloveras, Miguel Pereira, Tabaré Bocalandro Yapeyú e Mariella Crosta (Uruguai); María Lourdes Urbaneja Durant, Nancy Unda de González e Magdalena Simone (Venezuela); Luis Ramón Ortiz (Honduras); Vasile Macovei (Romênia); Arnaldo Chibbaro (IICA); José Fiusa Lima (OMS/OPS).

Secretário-Geral: Juan Francisco Rojas.

Secretária-Geral Adjunta: María Teresa Freddolino.

PRESIDENTE. Está aberta la 856ª Sessão, Extraordinária.

Senhor Didier Operti, Ministro das Relações Exteriores do Uruguai; Senhores Representantes Permanentes; Senhor Secretário-Geral da ALADI; Senhores Secretários-Gerais Adjuntos; Embaixadores de Países e Organismos Observadores; Autoridades Nacionais Uruguaias; Senhoras e Senhores:

Corresponde-me a alta honra de presidir esta sessão extraordinária do Comitê de Representantes Permanentes da ALADI, convocada para fazer uma homenagem ao prócer da República Oriental do Uruguai, General José Gervasio Artigas.

Este Comitê e a Secretaria-Geral tem o prazer de receber, em uma cerimônia que terá lugar em poucos minutos, a doação do Governo uruguaio de um busto do herói para ser colocado no frontispício desta sede junto aos de Bolívar, San Martín, Tiradentes, O'Higgins e Hidalgo.

A presença do Senhor Chanceler Didier Operti e de altas autoridades do governo uruguaio, bem como de embaixadores e representantes de países e organismos observadores e distintos convidados especiais, conferem a esta sessão e à cerimônia a seguir desta sessão, especial realce, digno de tão relevante figura de nossa América à qual rendemos homenagem.

Será esta uma magnífica oportunidade para escutar por parte do Senhor Ministro um esboço biográfico de quem em poucos anos deixou uma estampa que perdura e que cresce até nossos dias, do político democrático, do estatista, do aplicado administrador, do militar, do líder que desde o Uruguai profundo e com um estilo diferente foi um adiantado humanista e protetor social, do visionário promotor da educação e da cultura, profundamente libertário, respeitoso dos valores autóctones, amante da natureza, do campo e suas tradições, que foi o Chefe dos Orientais, governador e "Protetor dos povos livres".

A valoração que nossos povos e governos têm da pessoa de José Artigas, ilustre oriental e exemplo para todos nós, justificam amplamente esta homenagem.

A reconstrução histórica, realizada por dedicados historiadores uruguaios, da vida, circunstâncias e fatos do prócer, apoiados em uma notável documentação recopilada, restaurada e codificada pelo Arquivo Artigas, contribuiu a realçar cada vez com maior força e, ao mesmo tempo, cada vez com maior perspectiva, o ideário deste grande líder que, em muitas coisas -a julgar pelos documentos que pude conhecer- adiantou-se a sua época, em cujas propostas políticas e econômicas é possível reconhecer hoje muitas das virtudes que enfeitam esta nação e que caracterizam a idiosincrasia de seu povo.

Seria um ato muito audaz, que carecendo das qualificações necessárias -e podendo somente exhibir como mérito a profunda admiração que me gera a personalidade de Artigas- me estendesse em considerações sobre a vida e obra do prócer, especialmente quando temos esta manhã a sorte de contar com a participação do Senhor Ministro, reconhecido e respeitado estudioso e acadêmico.

Somente desejaria mencionar -porque me parece pertinente fazê-lo na Casa da Integração- que é muito estimulante encontrar em determinados textos e documentos de Artigas referências explícitas ao livre comércio, e atos administrativos, ofícios, instruções e

decisões que podem considerar-se precursoras do livre intercâmbio entre nossos países e, ao mesmo tempo, conceitos de caráter social que configuram um ideário coerente no qual aparece com clareza o sentido social da economia, do comércio, da produção.

Próximos já a cumprir duzentos anos da fundação de nossas repúblicas, não deixa de ser, ao mesmo tempo, dramático comprovar que estamos muito longe ainda de concretizar a nível regional ideais como os que motivaram nossos libertadores.

Permita-me finalizar -Senhor Ministro, estimados colegas- estas palavras introdutórias recordando o poeta latino-americano universal, Pablo Neruda, que em sua obra, dedicada a nossa América, o “Canto General”, destina ao prócer alguns versos que recolhem, liricamente, tanto a dimensão épica como o arraigo do herói à terra e à ruralidade da qual surge sua força:

“Artigas crecía entre los matorrales y fue tempestuoso su paso

Porque en las praderas, creciendo el galope de piedra o campana

Llegó a sacudir la inclemencia del páramo como repetida centella,

Llegó a acumular el color celestial extendiendo los cascos sonoros

Hasta que nació una bandera empapada en el uruguayano rocío.

¡Oh Artigas, soldado del campo creciente...

¡Oh padre constante del itinerario, caudillo del rumbo,

Centauro de la polvareda!!

Muito obrigado.

- Aplausos.

A seguir tem a palavra o Senhor Secretário-Geral.

SECRETÁRIO-GERAL. Senhor Ministro das Relações Exteriores do Uruguai e Presidente do Conselho de Ministros da ALADI; Senhor Presidente do Comitê de Representantes; Senhores Representantes e demais membros das Representações Permanentes; Senhores Representantes de Países e Organismos Observadores; honoráveis membros do Corpo Diplomático; autoridades nacionais e funcionários do Ministério das Relações Exteriores do Uruguai; Senhora Secretária-Geral Adjunta e demais companheiros da Secretaria-Geral; senhores convidados especiais; amigos todos:

Em 20 de julho de 1819, José Gervasio Artigas, escreve uma missiva para El Libertador Simón Bolívar: “...*Unidos intimamente por vínculos de natureza e de interesses recíprocos, lutamos contra tiranos que tentam profanar nossos mais sagrados direitos...*”.

Hoje, dois séculos mais tarde, reunimo-nos para homenagear este Prócer e caudilho, que com sua perseverância, fortaleza e luta pôde liderar o primeiro processo de transformação que, posteriormente, conduziria ao povo oriental à sua independência.

Não nos corresponde relatar sua longa e relevante gesta política e militar, mas queremos destacar alguns aspectos importantes de seu ideário: seu hispano-americanismo, seu sul-americanismo, sua convicção democrática e sua persistente defesa da causa dos povos.

No ano 1815, em uma notável correspondência encaminhada ao Cabildo, base da organização social que postulava, dizia José Artigas: *“Nós não devemos ter em conta o que podemos respectivamente, senão o que poderão todos os povos reunidos, porque onde queira que se apresentem os peninsulares será a todos os americanos aos quais deverão enfrentar”*. Com esta frase, Artigas novamente delineia seu pensamento hispano-americanista, mostrando uma visão fecunda da solidariedade e da integração dos povos hispano-americanos, instrumentos que inclusive hoje, na pós-modernidade, valoramos para obter a tão almejada emancipação.

José Gervasio Artigas teve sempre em seu pensamento o ideário, sul-americanista, o qual novamente surge ao conhecer a vitória do prócer argentino, José de San Martín no Chile, e proclama ... *“o triunfo das armas da Pátria”*.

Em 14 de fevereiro de 1820, Artigas escreve ao Cabildo de San Juan: *“Os povos estão livres, e são árbitros de decidir sua sorte...”*. Com esta frase se ressalta o permanente ideal democrático e sua constante preocupação para que cada vez que as circunstâncias permitissem, fosse consultada à fonte onde radica a soberania de toda decisão: O POVO....

Para o aguerrido estatista e prócer uruguaio, a *causa dos povos* não podia circunscrever-se exclusivamente às lutas independentistas, senão que estava convencido da imperiosa necessidade de trabalhar para aprofundar os conceitos de justiça social, com especial atenção para a área educacional.

Artigas, com seus princípios de justiça, cautivou sob o signo da amizade os negros e índios, os quais no apogeu das vitórias e nas dolorosas derrotas seguiam a causa com imensa paixão. Artigas foi propulsor da distribuição das terras e do fomento da produção agrária.

Os traços de educador do Prócer estão refletidos em seu pensamento *“sejam os orientais tão ilustrados como valientes...”*. E é assim como no ano 1815 funda, em Purificação a primeira escola pública do país, à qual Artigas distinguiu com o nome de *“Escola da Pátria”*.

Como Secretário-Geral desta Associação compartilho com profunda emoção desta homenagem, que hoje, juntamente com o Governo uruguaio, rendemos ao “Protetor dos Povos Livres”. Nossa Secretaria tem a imensa honra de receber neste ato solene a doação do busto de José Gervasio Artigas, o qual se incorpora ao espaço dedicado em nossa sede aos próceres de nossos países-membros.

Retomando a frase do pensamento artiguista com as quais iniciei esta apresentação, hoje em dia, cada vez mais, torna-se imprescindível que nossos povos reencontrem suas raízes históricas comuns, identifiquem seus interesses que também são comuns a todos eles, que trabalhem de forma conjunta em projetos com metas e objetivos similares. Somente assim poderão enfrentar os grandes desafios que, como dizia Artigas, profanam os direitos sagrados.

Parafraseando a Valle Inclán, recebemos então o Busto de José Gervasio Artigas, arte que rememora e tornará permanente uma figura da história humana que agora emerge com

uma luz que nos devolve a esperança no futuro do homem e a fé em sua dignidade essencial.

Muito obrigado.

- Aplausos.

PRESIDENTE. A seguir escutaremos as palavras do Senhor Ministro Didier Operti, como alocução central desta sessão extraordinária.

MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DO URUGUAI (Didier Operti). Muito obrigado.

Senhor Presidente do Comitê de Representantes; Senhores Representantes junto à ALADI; Senhor Secretário-Geral; Senhores Embaixadores; Senhores Observadores; Senhores Convidados Especiais; amigas e amigos: sem dúvida a descoberta de um busto do Prócer dos Orientais, José Gervasio Artigas, no frontispício deste Edifício encerra valores de vocação histórica, de registro conceitual, mas fundamentalmente de vigência, de atualização de presença viva.

Une-se no aspecto físico ao Cura Hidalgo, o do Grito de Dolores, onde começa o processo de independência do México. Une-se a San Martín de Chacabuco que alenta ventos de liberdade que envolvem o Chile e convertem O'Higgins no diretor de sua época, e, por conseguinte, une-se também a estes, a Joaquín José Da Silva, Tiradentes, o revolucionário primeiro mineiro, o da insurreição da época, esquartejado no final do século, como uma demonstração inequívoca de que devia cortar em pedaços a raiz de um pensamento libertário. Une-se ao Libertador Bolívar que espalhou pela região e fora dela um pensamento de unidade e de coesão e um discurso que naturalmente discutiu no âmbito muito mais cotidiano e interno de seu entorno. Obtenha, porém, o registro de um endosso praticamente universal fora daquele.

Ou seja, que Artigas se reencontra com aqueles que em tempos diferentes tiveram a tarefa de forjar, de romper o *statu quo*, de inovar, sempre difícil, sempre traumática, muitas vezes dolorosa, dramática sempre. Mas, fez esse trabalho a partir de um profundo conhecimento das entranhas mesmas de seu povo, de sua gente, de seu território, apreendeu a conhecê-lo, descobriu seus itinerários de "blandengue", a campanha e seus habitantes.

Sabia que a fronteira seca com o Brasil era o lugar de encontro de bens, de pessoas, materialidade e pensamento, sabia também que do outro lado do rio havia uma grande província e que ali devia apontar para construir juntos o que naquele momento foi o ideal federalista. No entanto, a obra foi adiada e, de 11 a 20, Artigas luta em diferentes cenários, confronta com o centralismo, com a monarquia, defende a autonomia e a república. Esses dois conceitos, autonomia e república, constituem a base mesma do pensamento artiguista. Seria impossível examinar a dimensão contemporânea de Artigas sem levar em conta esses dois valores.

Autonomia não como sinônimo de isolamento, não como sinônimo de divórcio, como expressão de concorrência na produção da vontade, mas como a gestação da tomada de decisões. Artigas queria, naturalmente, que um povo pequeno, colocado na parte oriental do rio, tivesse a possibilidade de dialogar desde sua própria natureza para ver o porto desde seu próprio encaixamento regional com aqueles que naturalmente já, nessa época, apontavam como nações globais.

Seria uma tentativa certamente frustrante que eu entrasse na análise dos tempos que Artigas recorreu, porque pretender reduzir a um espaço de minutos e a uma comunicação circunstancial a grandeza da figura como a que hoje evocamos estaria chamada, certamente, à banalização ou ao reducionismo. Por isso preferi ficar com uma essência, porque em todos os que contribuíram a gerar esta sociedade de nações, esta região, é possível encontrar um cordão umbilical e uma essência.

Provavelmente os tempos da essência foram tempos de fratura, sempre foi dito, disse Real de Azúa em algum momento, depois foi evocado por Rodó entre nós, que aquele conceito de unidade sustentado no processo da independência se fraturou no momento de alcançá-la. Ali emergiu como um conceito, de alguma maneira excludente, limitante, a soberania, e a soberania se levantou como uma espécie de patrimônio de identificação de nação não percebendo, talvez, que a soberania é um traço do Estado e este não é igual à nação, o Estado é a organização política da Nação.

Artigas foi forjador de nação, não foi o forjador do estado uruguaio, que nasce entre 28 e 30 e especialmente no ano 1830 com a Constituição, com o Juramento da Constituição, a primeira Constituição, inspirada na Constituição de Cádiz do ano 1812. Mas, a nação, isso que tantas vezes se evoca nessa frase genial de Renan, quando diz que: “é um querer viver coletivo”, é um plebiscito diário e este é importante, porque resulta todos os dias da consulta individual que permite ao cidadão sentir-se integrado, sentir-se que faz parte de uma comunidade.

Essa idéia de nação de Artigas, não foi somente uma idéia abstrata ou uma idéia liberada ao vento, não foi somente uma expressão retórica de um pensamento da época, foi muito mais que isso. O Senhor Secretário-Geral evocava, há um instante uma carta a Bolívar. Ele escolheu o primeiro parágrafo e eu vou escolher o último. No último diz a Bolívar, Artigas em 29 de julho de 1819 quando já se estava aproximando de seu ocaso na política ativa desta região *“não posso ser mais expressivo em meus desejos de, oferecendo a vossa excelência a maior cordialidade pela melhor harmonia e pela união mais estreita, firmá-la é uma forma de sustentação dos interesses recíprocos”*. É uma frase curta, incisiva, *“de minha parte nada será increpável e espero que vossa excelência corresponderá escrupulosamente a esta indicação de meu desejo”*.

José Artigas foi um homem de seu tempo, carteceu-se com Bolívar, com San Martín, esteve atento ao pensamento de Miranda, leu tudo o que nessa época podia ler-se. Não devemos esquecer que Artigas se incorpora à gesta patriótica, cumpridos já praticamente seus 50 anos. Chega com a veteranice do ser maduro, sobre cujas costas passaram muitas penúrias, mas também chega com o arraigamento fidalgo de uma sociedade montevideana pacata em muitos aspectos, mas aberta ao mundo do pensamento.

Por isso não se pode entender a figura de Artigas e suas instruções se não evocamos essa formação geral de Artigas. Vou ler novamente, porque considero que, às vezes, estas coisas são vividas em um âmbito de festejamento patriótico, porque me parece que, às vezes, as datas de 18 de julho, 25 de agosto, 19 de junho são vividas sempre em um âmbito de sentimento patriótico e as colocamos dentro de uma atmosfera puramente evocativa de registro, como se isto fosse nada mais que a pavimentação da ordem institucional da recordação.

Desejo manifestar da forma mais direta, mais comunicada, nossas atuais preocupações. As Instruções do ano 13, essas famosas Instruções são uma espécie de breviário do pensamento artiguista, mas não somente do pensamento artiguista, são uma definição do pensamento nacional na maior parte de seu conteúdo: *“promover a liberdade*

civil e religiosa em toda sua extensão imaginável” continua sendo uma definição extraordinária do que constitui a tolerância, mas no que se refere a esta Instituição, na qual hoje estamos sentados e à qual os senhores têm a responsabilidade de dar vida, de dar agenda, programas, projetos, de imprimir-lhe ou de reimprimir-lhe esta nova sintonia com o mundo que nos rodeia e com relação a ela há uma frase que considero que está absolutamente em vigor, parece escrita por um economista contemporâneo *“que nenhuma taxa ou direito se imponha sobre artigos exportados de uma província para outra e que não seja dada preferência alguma a qualquer regulação de comércio ou renda aos portos de uma província sobre os de outra, nem os bancos destinados desta província a outra estarão obrigados a entrar, fixar ou pagar direitos em outra”*, liberdade de comércio, liberdade de navegação, uso das facilidades portuárias do tempo, desse tempo, livremente, isto é, não se trata de colocar Artigas como se estivesse hoje sentado entre nós. Esses pecados de pensar a história em termos retroativos, muitas vezes, são enormemente perigosos, mas sim pretendo nesta soma de homenagens do ingresso a esta Casa, manifestar a importância que tem, quando esta Casa abre suas portas ao exame dos temas da região, aos temas de integração, aos temas da infra-estrutura, aos temas do comércio, aos temas dos serviços, não perder essa conexão com o passado, com um melhor conhecimento daqueles que o protagonizaram e daqueles que o construíram.

Imagino, perfeitamente, que isto servirá como uma aula, à qual sejam convidados distintos historiadores de todos os países-membros desta sociedade de nações, para trazerem testemunhas das principais contribuições do pensamento de cada um dos países a esta região, singularizada pela liberdade, pelo respeito ao homem, pela paz.

Em tempos de ruptura, em tempos de agressão, convidaria a fazer um minuto de silêncio pela tragédia que acaba de viver a Espanha, porque essa agressão, venha de onde venha, agrade o homem, agrade a bondade, agrade a paz, agrade a liberdade, agrade a normalidade e, portanto, deve ser absolutamente condenada e repudiada.

Estes homens lutavam frente a frente, lutavam nos montes, enfrentavam-se, corriam riscos, não o faziam de forma anônima nem a controle remoto, faziam isto frente a frente e esse é outro valor que hoje devemos levantar como um sinal claro de onde está a verdadeira hombridade.

Concluo lendo algumas brevíssimas palavras de Rodó. Rodó quando se refere a Artigas, - fez isto em mais de uma oportunidade - mas aqui me parece que seu enfoque é de síntese que pode ser valorado como o sumário do pensamento do autor do Ariel sobre nosso Chefe: *“no ambiente agreste onde o sentimento comum dos homens da cidade somente via barbárie, dissolução social, energia rebelde a qualquer propósito construtivo, viu o grande caudilho, e somente ele, a virtualidade de uma democracia em formação cujos instintos e propensões nativas podiam encaminhar-se como forças orgânicas dentro da obra de fundação social e política que devia cumprir-se para o futuro destes povos”*. Muito obrigado.

- Aplausos.

PRESIDENTE. Muito obrigado, Senhor Ministro, e como o manifestou, atendendo suas expressões e antes de proceder à cerimônia de desvelamento de busto do Prócer Nacional José Gervasio Artigas, vamos a fazer um minuto de silêncio em respeito às vítimas dos atentados terroristas ocorridos em Madri.

- O Comité de Representante faz um minuto de silêncio.

Encerra-se a sessão e nos trasladamos ao frontispício do edifício para assistir à cerimônia.
